ANNO 1.º—N.º 4

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Guimarães, 23 de junho de 1907

Director e proprietario — A. L. de Carvalho

Redacção e administração — Centro Republicano

Composição e impressão:
Typ. Minerva Vimaranense — Rua de Payo Galvão

NUMERO AVULSO 10 REIS

Se a obra do franquismo triumphar, os republicanos tornar-se-hão inuteis. Uma mudança de instituições é desnecessaria.

(Do discurso do snr. João Franco, no Porto, em 17 de junho de 1906).

A republica é a fórma que tende a fazer mais progressos por todo o mundo. Todas as republicas existentes, excepto a Suissa, datam de menos de um seculo. Se algumas d'ellas, principalmente na America Central, estão ainda mal equilibradas, póde affirmar-se comtudo, que essa fórma corresponde em geral a uma educação politica muito adiantada, e que os povos que a adoptaram são os mais felizes.

(Do *Manual politico do cidadão portuguez*, de Trindade Coelho).

Orientação Republicana

A nossa campanha contra á monarchia é sem treguas.

Mas é uma campanha pacifica, ordeira.

Não pretendemos contrapôr á dictadura do poder a da revolução. Não somos nós que a intentamos; quem incessantemente a provoca, são os partidos monarchicos. Nós nem ameaçamos pegar em armas para sustentar a liberdade, nem pensamos aliciar o exercito em favor da nossa causa.

A nossa doutrina é que, assim como todo o cidadão deve ser um soldado, todo o soldado deve ser um cidadão; mas não queremos um exercito partidario, do partido do rei ou do partido republicano; queremo-lo para assegurar, com a honra e a independencia da patria, a liberdade e a lei, seja contra governados, seja contra governantes. Mas, se não somos um partido de violentos, não o somos tambem de fracos, de cobardes, e levaremos a lucta pelo nosso ideal, pelos nossos direitos, até ao ultimo transe, repellindo, se tanto fôr preciso, a força pela força.

Oh! não! não é na força bruta, na sedição, na guerra civil, que pomos as nossas esperanças. As nossas armas são de paz. Esperamos vencer pela fraternidade, pela assistencia, pela persuasão. Cada dia se vai formando mais a consciencia republicana da nação. E, nós, republicanos, temos por nós a força irresistivel da civilisação, porque a democracia, a republica, não é hoje só uma fórma de governo das sociedades, é a propria fórma do sentimento, da acção e do pensamento contemporaneo.

Bernardino Machado.

Bohemia jornalistica

Veio a Senhora-á-villa, que quer dizer, veio a tradição á cidade.

A tradição são os velhos costumes, e os velhos costumes respeitam-se, quando estes entram nos dominios da fé.

A villa ganhou fóros de cidade, é certo. Mas como seria mal sonante ouvir-se: veio a Senhora á cidade!

Positivamente não ia bem para a santa que nos visita.

Senhora-á-villa é preceituoso, é logico até, pois que em regra, uma villa não pesa tanto na balança da civilisação.

Senhora-á-villa é um phenomeno da inercia. Gerou-se, perpetuar-se-ha intangivel.

Eis porque eu digo como esse povo das aldeias que no domingo passado acompanhou em romagem á cidade, a Senhora da Lapinha: Veio a Senhora-á-villa.

*

Senhora da Lapinha!? mas ser-nos-ha possivel descobrir a razão primitiva d'este titulo? Talvez.

Teixeira Bastos nos seus *Estudos de Sociologia*, vol. II, deixa ver que o catholicismo não podendo vencer a tradição popular sobre o culto fetichista das pedras (um culto antiguissimo e do qual se encontram muitos vestigios) a aproveitou mudando-lhe a interpretação.

Assim pois, a denominação de Senhora da Lapinha, Senhora da Lapa, Bom Jesus da Pedra, Senhor da Pedra, Senhora da Rocha, Senhora da Penha, Senhora do Pilar, pertencem na sua origem a uma idolatria pagã, ou seja, as religiões succedendo-se sob a fórma pratica d'um espirito conservador.

*

E, afinal o que sei eu d'esta santa a quem os camponezes recommendam as suas *novidades*, que é o pão e é o vinho?

Que poderei dizer dos seus milagres se uma parte do milagre sobe da alma do devoto?

Saberei eu se os seus crentes lhe aureolaram a Graça, com o mystico clarão d'alguma lenda?

Eu nada mais sei alem d'isto: numa capellinha fresca de cal, uma imagem de esculptura breve e roupas fartas se venera, alli, atraz d'aquelle monte, noutros montes, aonde o sol desperta e o olhar se perde, lá muito longe, por entre urzes e fragas...

Já lá fui um dia de romaria debaixo d'um sol africano.

Lembro-me bem... suei como um bruto e rezei como um christão. Contava doze annos, talvez.

*

Eis porque no domingo ao ver esse rebanho immenso de creaturas, vindo de tão longe, com tanto sol, acompanhando numa visita, uma vez promettida, á Senhora da Lapinha das suas devoções, eu ao ver-lhes nas frontes o fervor peregrino egual ao sacrificio da caminhada, lembrei-me d'aquelle dia de romaria na Lapinha em que suei como um bruto e rezei como um christão... tinha eu doze annos, talvez!

. . . . . .

E' que para a razão d'essa pobre gente ainda não chegou a sua maioridade, e, depois,

Roubar-vos da vossa alma a vossa crença antiga
seria como quem roubasse a uma mendiga
as tres achas que leva á noite para o lar.
. . . . . .
oh, não! guardae-a bem essa crença d'outrora.

A exauctoração

O castigo que a nobre, altiva e laboriosa cidade do Porto acaba de infligir no dictador que ousou, num provocamento estulto, fazer em tal occasião uma ostentação ou parada das suas forças na capital do norte, mostra bem á evidencia que o povo portuguez, está emfim, desenganado e resolvido a pôr um termo a tantos desmandos e a taes desregramentos.

A imponente e grandiosa manifestação de desagrado com que no Porto e em Lisboa foi recebido o dictador é o prenuncio indubitavel d'um periodo d'acção que vae resurgir na nação portugueza, mostrando que em nós ainda se não apagaram de todo o brio e pundonor d'homens livres que queremos e devemos ser.

A apathia em que o povo portuguez estagnava e com que os governos monarchicos tanto se regosijavam, começa a ser substituida por uma effervescencia na alma popular, effervescencia cujos primeiros symptomas se estão a sentir e que nos ha-de levar a fazer surgir neste paiz o que, de ha muito, outros mais adiantados e mais felizes do que nós já possuem — Liberdade e Legalidade.

O sangue derramado em Lisboa, ennodoando para sempre as mãos de quem o fez correr, é a prova de que guerra sem quartel o dictador promove contra o povo.

Mas mal de quem não quer ver ou não teme a ira e a revindicta popular, porque a multidão quando arrastada por uma idêa que a domine, é cega e indomavel e sempre cruel.

O dictador ha-de capitular, ha-de cahir vergalhado sob os proprios golpes com que impudentemente tem assolado o paiz e do sangue do povo assassinado em Lisboa ha-de surgir, num dia que talvez não venha muito longe, uma nova phase de Luz e Liberdade para este bom povo portuguez que tem o direito e o dever de mostrar ao mundo culto que aqui, neste paiz de tão gloriosas tradicções, ainda ha sangue e vida, que a raça viril do povo lusitano ainda não morreu nem se acobardou.

M. F.

AS FESTAS DA CIDADE

Na Associação Commercial houve na quinta-feira uma reunião á qual assistiram, além da direcção, a imprensa e outros auxiliares das grandiosas festas.

Foram nessa reunião nomeadas as varias commissões de organisação.

E' a commissão central ponto de concentração, foco d'energias, astro rei.

E' a commissão de programma, são as commissões de feira, mais a commissão de imprensa, emfim, uma serie de commissões satellites, que muito terão que fazer.

Discutiu-se, e entrou-se a valer na pratica dos trabalhos.

O esboço está feito.

Venham agora braços que o levantem á altura da bocca para que todos communguemos neste dilema de progresso:—Por Guimarães.

*

No proximo numero daremos os nomes dos individuos que formaram as varias commissões, e respectivamente iremos publicando o prestigio da sua acção.

RETALHOS

Depois da deploravel aventura do snr. João Franco

.....

Seja porém como fôr não apoiamos a visita do snr. presidente do conselho ao Porto, a banquetear-se com os seus amigos, com o fim de lhes dar as razões do seu procedimento politico e administrativo.

Sabe-se como os partidos estão. Estão ao rubro. Não são só os republicanos, são regeneradores e progressistas. O resto do paiz é possivel que esteja em benevola espectativa, deante do governo. Mas os partidos, que são afinal quem tem voz e voto nas coisas publicas, a sua attitude não é das mais tranquilisadoras.

A viagem ao Porto, onde todos elles tem importante influencias, podia ser considerada, como foi, uma provocação. Naturalissimo era a reacção correspondente. Se não se manifestassem, podiam considerar-se mortos. O snr. presidente do conselho viu certamente isto, mas não receiou. Pois ha occasiões em que recuar não é symptoma de medo: é regra de prudencia. E os chefes dos governos teem restricta obrigação de serem prudentes.

E' inquestionavelmente pacifica, a indole do nosso povo. Mas tem, como todos os povos, as suas paixões, os seus desvarios, os seus instantes de loucura, e de boa politica é não acordar ao povo essas qualidades defeituosas.

Sabe-se lá onde podem ir parar massas populares, quando perdem a transmontana?

Por isso, evitar o desencadeamento das paixões e furias collectivas deve de ser a principal preoccupação de um homem de Estado. E' pelo menos imprudente negacial-as, seja de que maneira fôr.

(D'*O Portugal* de 17).

*

O anno passado, na conferencia do theatro Principe Real, o snr. João Franco fez affirmações que mais corroboraram as anteriores, porque solemnemente affirmou: «Ninguem o obrigou a dizer o que disse na opposição, ninguem lhe impoz a attitude que tomou espontaneamente; ha-de, pois, cumpril-os e ninguem lhe poderá dizer no futuro que faltou á sua palavra—isso jura que não.»

Repudiou, nessa occasião, o epitheto de *dictador*, confirmando que o fôra, mas que não vultaria a sel-o.

E, no meio de uma ovação estrondosa, reconheceu que, evidentemente, o paiz já «não está disposto a consentir por mais tempo em não ter voz activa e decisiva na sua administração.»

Como tudo mudou, no lapso de um anno!...

O snr. João Franco deve ter presentido, na sua actual visita, o espirito fundamentalmente liberal da cidade do Porto.

Tenha em vista, sobretudo, o chefe do gabinete governar com a Constituição, pois o mesmo é governar com a lei.

A dictadura é uma confusão de todos os poderes, uma perturbação profunda na administração de um Estado.

(D'*O Commercio do Porto* de 18).

*

.....

O republicano hoje não póde ser o selvagem duro do cyclo de Catão e do Gracchos.

Carece de uma educação muito séria em que a Moral o levante no pedestal de Raspail, de Poudhon e dos muitos d'essa marca que passaram no mundo com o labeu de doudos sublimes, de phalansterianos, e tiveram a morte desastrada e, até certo ponto heroica, de Delescluze.

.....

C. C. Branco.

A' chegada

Educação Civica (?)

Um orador fallando aos manifestantes de terça-feira, disse-lhes:

«O povo de Guimarães concorrendo a esta manifestação sem ideia politica, mas tão sómente como desaggravo dos seus concidadãos que no Porto foram ultrajados pela *gentalha*? dá assim uma prova do seu alto civismo e grande amor patriotico; parabens!»

Nós commentamos:

Quem tomou parte nesta manifestação?

Foi a classe dos surradores e cortidores, essa classe que maltratou cobardemente os seus companheiros do Porto quando em excursão visitavam esta cidade.

E porque deram então tão mau exemplo de civismo, tão triste mostra de patriotismo?

Por a simples razão de que os seus companheiros se diziam socialistas!

Quem vimos mais no ardor da manifestação?

Alguns academicos, dos mesmos que ainda ha pouco se declararam em greve e que por causa do governo indignamente abdicaram.

Aonde o civismo, aonde o patriotismo d'estes manifestantes que acclamam quem ainda na vespera os fez escravos, os tornou submissos?

Mas a prova de civismo e de patriotismo, é ainda humilhante se no anceio da manifestação quizermos ver aquelles que certo dia incitaram paixões religiosas contra um morto, e desencadearam montarias selvagens ao representante d'uma seita que está ao abrigo das leis portuguezas, leis essas que teem culto em todos os povos civilisados.

Esta simples amostra de factos dados entre nós, e pelos quaes a opinião collectiva da cidade se não revoltou nem sequer protestou convenientemente, diz-nos que não é Guimarães que á *gentalha* do Porto dá lições de civismo, exemplos de patriotismo.

Não é; embora isso nos custe reconhecer como vimaranenses que somos.

Incoherencias é o que nós mais vemos, e a um incoherente nunca nós daremos parabens.

*

Parabens egualmente os não damos, os não podemos dar, aos que no Porto envergonharam o Direito, empanaram a Liberdade.

Nós, lamentamos aquelles que não souberam ser inimigos.

Os nossos patricios embora portadores d'applausos com os quaes não commungamos, evidenciavam-se segundo o seu modo de ver, manifestavam-se segundo o seu modo de sentir, e, não ha nas modernas sociedades, liberdades publicas sugeitas ao criterio das paixões.

O absoluto nas ideias é um absurdo.

Abstenhamo-nos, pois, não das convicções firmes e precisas, mas das attitudes intolerantes.

«Saudemos com respeito toda a convicção sincera, por mais differente que seja da nossa, por mais importuna que seja para os instinctos do nosso pensamento».

As multidões teem excessos e teem virtudes.

Os nossos patricios foram victimas d'um excesso.

Nós deploramos o facto, porque elle em nossa consciencia nos repugna.

O nosso criterio não nos diz todavia que devemos protestar contra o Porto, nem exercer revindicta contra os portuenses como para ahi se pensa.

Isso é um erro, é em proposito incivil, nem é mesmo de boa logica combater o mal com o mal.

A Semana

Estiveram entre nós os snrs. João Borges Trocado, commerciante na Povoa de Varzim, e Hypolito José de Moura, de Celorico de Basto.

*

Encontra-se em Vizella o snr. dr. Alvaro Paiva Faria Leite Brandão.

*

Regressou de Melgaço o nosso amigo Aureliano Fernandes, negociante nesta cidade.

*

O snr. Joaquim Teixeira de Carvalho, regressou das Pedras Salgadas.

*

Encontram-se em Melgaço a fazer uso das aguas, os snrs. Bernardino Jordão e Abilio José da Cruz.

*

Foi transferido de infantaria 19, de Chaves, para infantaria 20 d'esta cidade, o snr. Capitão Antonio Infante.

Os pedantes

Os senhores conhecem-nos? Aquelles typos infames e egoistas que vivem mentindo e infamando? Creaturas da lama que se arvoram em *gente*, canalha vil que vive de villezas na tragedia da Vida, sempre ridiculos, sempre pelintras, sempre detestaveis, espiando agora na sombra para logo denunciarem, de mascara bem posta, cheios de mesuras, nos olhos covos o brilho hypocrita que intriga, na bocca o miasma putrido que enoja.

Os senhores conhecem-nos?

Olhem-nos. Elles ahi veem. Lá trazem o mesmo riso hypocrita, a mesma mascara farçante, as mesmas mesuras lisongeiras, a mesma abjecção no seu todo grotesco, vaidoso, pelintra, estupido...

Reprimam o odio e deixem passar a enxurrada...

Agora contemplem. Vêem que canalha?

Vae alli a villeza com a inconsciencia.

Todos elles vivem de infamias. Corrompem-se uns aos outros. E' a malandrice de mãos dadas com a estupidez. Nunca poderão ser uteis. Querem subir, mas não podem.

Ao primeiro passo para o escadorio da moralidade, o corpo inclina-se-lhes e caem na lama immunda a resfulgar hediondamente, na bocca afivellado sempre o mesmo riso parvo, alvar, ridiculo, inconsciente.

Eu olho-os e lastimo-os simplesmente. Se pudesse, chamá-los-hia ao bom caminho: — regeneral-os hia. Mas não. A sua vida dislatada já não tem concerto. Já nem a sopapo iriam, porque não possuem um sentimento puro. Tudo nelles é lama. A maledicencia é a sua arma predilecta. Delatam, infamam, intrigam, para viverem. Não têem a mais pequenina e mais simples noção da vida bella que as almas puras vivem. Sempre assim foram. Cairam com a primeira infamia que praticaram, e então ficou-lhes vedado o caminho da vida dôce que o amôr perfeito proporciona e não sentirão nunca as consolações dum corpo, ou dum espirito, que vive para o trabalho productivo e honesto.

Conhecem os pedantes?

Olhem-nos. Elles ahi veem. Reprimam os impetos do seu odio legitimo e deixem-nos passar.

Portem-se neste momento como homens que estão muito acima de todas essas mesquinhices nefandas.

Guimarães, 5—VI—907.

Hugo.

A decifrar...

Em virtude dos ultimos acontecimentos tumultuosos de Lisboa e do resto do paiz foram presos na nossa capital duzentos individuos que no pensar do governo são o elemento revoltado do povo portuguez.

Nós, que queremos a tranquilidade publica, damos ao governo um processo mais simples e menos dispendioso para o thesouro portuguez. Não é preciso prender tanta gente.

Prendam bem amarrado um individuo que nós bem conhecemos que tudo serenará. O socego, temos d'isso a certeza, ha-de voltar.

(A solução do enygma vem no proximo numero).

Uma greve no Porto

A *grève* é um dos meios d'acção pelo qual o trabalhador mostra claramente a força de que póde dispor, e qual o seu importante papel na vida social, como trabalhador que é.

Cada vez as *grèves* vão sendo mais usadas pelos operarios, para ver se com isso melhoram de situação. Ora é preciso notar-se, que, no momento actual ellas só tem um lado util e não attingem directamente o fim a que visam. As *grèves* d'hoje só servem como meio de propaganda, isto é, só mostram que, desde que as consciencias dos trabalhadores, se comprehendessem e se solidarie-

sassem esses trabalhadores triumphariam nas suas reclamações. Faltando pois, como inquestionavelmente falta, a cohesão moral, entre a massa geral dos trabalhadores, não podem ter uma victoria decisiva todos estes actos de insurreição que todos os dias os jornaes nos noticiam. Vem estas considerações a proposito da *grève* dos operarios fabricantes de guarda-soes do Porto, os quaes publicaram um manifesto que temos presente. Abrangendo todo o aspecto da questão, nós temos, com a mais absoluta das franquezas, de dizer que estes dignos operarios hão-de, pela força das coisas, ser vencidos. E porquê? Porque falta-lhes o apoio moral dos trabalhadores portuenses. Elles estão sendo victimas d'essa falta. As *grèves* parciaes são uma derrota antecipadamente reconhecida, pelos que, serenamente sabem vêr as coisas. Falta-lhes enfim tudo isso e muito mais. Onde uma caixa pecuniaria, na qual os trabalhadores do Porto e até do paiz, fossem, todos os mezes emquanto trabalham, lançando uma simples quota, que nas occasiões de greve lhes valesse? Onde a solidariedade moral e collectiva, que é a força mais extraordinaria com que precisam de contar as grandes agremiações?

Lamentando pois a situação desgraçada, materialmente, dos operarios fabricantes de guarda-soes do Porto, fazemos votos para que o facto sirva de lição d'ensinamento para o futuro. Reparem nelle todos os que trabalham.

Em missão de estudo

Em viagem d'instrucção, visitou-nos quarta feira passada, chegando no comboio das 9 e 16 da manhã, o ex.mo snr. dr. Manuel José Coelho acompanhado por onze dos seus alumnos da secção de sciencias do setimo anno do Lyceu da segunda zona do Porto. Eram esperados na estação do caminho de ferro pelo ex.mo snr. Major da Administração Militar Rodolpho Soares da Fonseca e Castro, pae d'um dos alumnos e pelo snr. dr. Gonçalo de Meira.

D'alli dirigiram-se ao Grande Hotel do Toural onde almoçaram indo em seguida para a Sociedade Martins Sarmento sendo ahi esperados pelo ex.mo snr. Abbade de Tagilde illustre presidente da camara que lhes fez uma erudita prelecção sobre tudo o que se contem no muzeu da Sociedade.

Durante esta visita que durou duas horas os visitantes mostraram sempre um vivo desejo de conhecer tudo, de apprender, significando a sua admiração por verem numa terra de provincia como esta, uma tão grande bibliotheca e um tão vasto muzeu onde se encerram verdadeiras preciosidades o que tudo representa um concurso d'esforços d'homens verdadeiramente patriotas que procuraram fazer sobresahir esta terra por uma obra tão grandiosa como aquella.

A's duas horas da tarde, depois de descançarem, visitaram a nossa Collegiada e o seu thezouro, sendo acompanhados nesta visita pelos ex.mos snrs. Abbade de Tagilde e Conego Vasconcellos que prestaram aos visitantes todos os esclarecimentos referentes áquelle monumento historico.

Em seguida dirigiram-se para o quartel d'infanteria n.º 20 onde foram recebidos pelos ex.mos snrs. Capitão Affonso Mendes e Major Rodolpho Soares, que lhes mostraram todas as dependencias do quartel acompanhando-os na visita ás ruinas dos Paços dos Duques de Bragança.

Estes mesmos senhores acompanharam-os em seguida á igreja de Santa Margarida e ao Castello, depois do que regressaram ao Hotel para jantar. Findo este foram em carro a S. Torquato onde viram aquelle grande monumento sem estyio, apreciavel unicamente, pelos trabalhos perfeitos dos modestos pedreiros para quem aquella obra simplesmente serviu e serve d'escola da sua arte.

No dia seguinte pelas 6 horas da manhã foram á Citania de Briteiros. Ahi apreciaram o trabalho e a intelligencia que deviam ter presidido á descoberta d'aquellas ruinas d'uma cidade antiga. O nome de Martins Sarmento não esqueceu, e todos avaliaram o esforço, a dedicação que era preciso ter, para d'aquella maneira honrar a sua patria e servir a sciencia.

Almoçou-se nas Taypas. Uma vez em Guimarães visitaram os Pelames dirigindo-se d'ahi para a fabrica d'Avenida onde foram recebidos com todas as amabilidades pelo ex.mo snr. Manuel Martins Barboza d'Oliveira que lhes mostrou a fabrica, explicando concisa e comprehensivelmente todos os machinismos que naquella importante fabrica de tecidos se encontram.

Acabada esta visita seguiram em carro para Vizella onde esperaram o comboio que d'aqui sahe ás 4 da tarde no qual deviam ter regressado ao Porto.

Durante toda esta excursão foram acompanhados pelo snr. dr. Gonsalo de Meira que procurou sempre honrar esta terra empregando todos os esforços para que esses intelligentes rapazes e o seu illustre professor levassem d'aqui a impressão de boa hospitalidade de que esta terra tem fama.

O snr. dr. Gonsalo de Meira pede-nos para d'aqui agradecermos aos ex.mos snrs. Abbade de Tagilde, Conego Vasconcellos, Capitão Affonso Mendes, Major Rodolpho Soares da Fonseca e Castro e Barboza de Oliveira as amabilidades e boa vontade que dispensaram para que os nossos hospedes levassem d'esta terra as mais gratas recordações.

E aos nossos hospedes agradecemos a honra de terem escolhido esta cidade para uma visita d'instrucção.

Reportagem

Beber á força

O snr. Ventura, tem uma venda na rua da Rainha, onde ha dias se tomaram de razões dois individuos. Chamam se elles, José de Castro e Antonio Cardoso. Este que é franco, não gostou que o Castro deixasse de beber, e depois de grande insistencia, resolveu enviar-lhe á cara a caneca do vinho.

O resultado foi o Castro ficar com o *caractel do rosto* contundido.

A policia metteu o nariz na desordem, e enviou os dois para o tribunal, com a respectiva participação.

Gatuno

O guarda 14 da nossa policia, capturou um gatuno conhecido pela alcunha de *Ceara*, e de Santa Eulalia. Furtou em Santo Thyrso algumas roupas e um cordão de ouro.

Foi despachado para as auctoridades d'aquella villa, *a pagar lá*.

Desordem e morte

Na rua de D. João I, foi espancado um individuo de nome José da Silva, e conhecido pelo *Parrôlo*. O aggressor, um torneiro de nome Manoel José Vieira, desappareceu, andando a policia a procural-o.

O *Parrôlo*, recolheu ao hospital em estado gravissimo, vindo a fallecer na terça-feira passada.

Foi dada participação para juizo, e feita a autopsia ao cadaver.

Um tambor

Por causa de um d'estes *suaves* instrumentos, houve tambem rija balburdia lá para o Cano. Da refrega, sahiu esfaqueado um sapateiro de nome Francisco Garcia, pelo que recolheu ao hospital.

O aggressor, que é um pentieiro chamado Jacintho Martins, está preso e já foi entregue á justiça, que certamente vai tocar-lhe a... recolher.

Passeio

No domingo ultimo, vieram a esta cidade, de passeio, alguns empregados do commercio da cidade de Braga. Dividiram se em grupos, e visitaram os principaes monumentos e pontos de Guimarães. A' tarde, reuniram-se na Associação dos Empregados de Commercio de Guimarães, onde lhes foi offerecida uma taça de champagne, trocando-se affectuosos brindes.

Atropellamento

Em Vizella, um carro atropellou uma creancinha de 4 annos, deixando-lhe um pé em misero estado. Foi receber curativo a uma pharmacia, e recolheu a casa da familia.

Revista d'Arte

FLOR MORTA

No seu corpete justo e bem moldado,
Que lhe accusava as perfeições do seio,
Collocara um jasmim. No mesmo instante
A bella flor nevada
Perdeu aroma e vida:
Não sabes porque foi? Morreu gelada...
.....
Um seio sem calor
Congela a eterna chamma,
Gerando a eterna dor...

João Diniz.

A esmola é só metade de um acto de caridade, o modo de dal-a constitue a outra metade.

P. Senna Freitas.

Aretino

Eu sou o clown eterno no palco onde se representa o drama da Vida. Porque me pagam, rio-me; porque é necessario, zombo.

*

Quem sabe o que me vai na Alma, as Dôres que padeço, o Soffrimento que occulto?

Sob as roupas de arlequim, de côres gritadoras e extravagantes, embora todos o saibam, ninguem se lembra que pulsa tambem um Coração, como os outros.

Nunca viram uma lagrima fugitiva rolar-me dos olhos, sulcando a face pintada de carmim e alvaiade.

E no entanto chóro. Quando estou só, commigo mesmo, atraz dos bastidôres, quando não ha espectadores que me vejam, ouvintes que me escutem, deixo que o pranto contido, corra livre e abundantemente.

Como sou differente de todos que me rodeiam, dos companheiros que commigo representam a grande Comedia Humana!

Elles são mais felizes, porque escolhem os papeis que lhes agradam, que querem fazer, emquanto que eu...

Pois eu posso lá dizer que amo?

Pobre sapo, hydropico e nojento, que se arrasta na lama, contemplando a Estrella!

Pois eu posso lá dizer que odeio a sociedade com os seus falsos preconceitos, com as suas convenções enganadoras e mentirosas, as suas infamias, as suas luctas? que abomino os homens porque são máos; porque roubaram tudo quanto eu tinha de nobre e santo em minha Alma; porque me arrancaram o Coração?

*

Eu sou o clown eterno no palco onde se representa o drama da Vida. Pagam-me, rio-me; é necessario, zombo.

Figueirêdo Pimentel

Os grandes futuros teem ninho na escóla.

Castilho.

.....

A historia é simples, senhor. Foi uma lancha que se virou. Era de noite. O mar banzeiro espreguiçava-se em ondas macissas. Uma d'essas ondas, tomando de lado um barco, invade-o, quebra-se, e devora-o. Foi o que succedeu. Uma lancha sobre o mar é como um desafio a um monstro. O bruto estende a garra, e por desenfado esmaga e engole... Era de noite. Soprava apenas um vento pesado e quente. Sob um ceu negro, o mar como breu tinha malhas lividas quando na encosta de uma onda vinha outra desmanchar-se. Dir-se-hiam alvas mortuarias sobrepostas na abobada de um carneiro sepulchral — liquido, falso, oscillante, onde a lancha vasou a gente que a tripulava.

.....

Oliveira Martins.

Incendio

Ante-hontem pelas 7 horas da tarde, manifestou-se incendio num barracão situado nas trazeiras do palacete de Villa Pouca, e pertencente ao snr. Dr. Pedro de Barros.

O fogo foi combatido a baldes de agua antes de chegarem os bombeiros, sendo por estes immediatamente localisado, para o que foi montada uma agulheta.

Manifestações

A' partida dos elementos franquistas d'esta cidade para o banquete do seu chefe politico, houveram demonstrações de regosijo.

A' chegada foi-lhes preparada uma manifestação imponente, que se prolongou até tarde.

COMMISSÃO MUNICIPAL REPUBLICANA

Convite

De harmonia com a lei organica do partido, são convidados todos os cidadãos republicanos d'este concelho a fazerem-se inscrever no nosso recenseamento politico.

Para se ser inscripto sómente é preciso ser maior de 21 annos, e observar os programmas e regulamentos emanados dos congressos republicanos.

Independente d'isso, todos os que desejem inscrever-se como socios do Centro Republicano devem contribuir com a quota minima mensal de 100 reis.

Escola

O exercicio escolar que pelo methodo de João de Deus se vem ministrando neste Centro, a todos é accessivel e gratis.

O 1.º Secretario,

A. L. de Carvalho.

2:911

Este numero, que foi premiado com uma taça de prata no valor de 15$000 reis, (segundo o sorteio de uma rifa legalmente realisada) foi vendido ao snr. Manoel Antunes, residente na cidade do Porto.

Este senhor, porém, não sabe d'elle (assim o diz em carta com data de 10 de março).

Findo que seja, pois, o prazo legal para reclamações, o objecto rifado será entregue á Creche da V. O. T. de S. Francisco.

O snr. Bernardino Barroso fez-se portador d'um numero egual, sendo considerado suspeito por varios motivos deduzidos. Não foi este senhor accusado de *escroc*, mas tão sómente lhe foram pedidos esclarecimentos da authenticidade do bilhete.

E para que este acto de verificação fosse o mais legal, propoz-se-lhe um inquerito d'analyse e arbitragem. Não acceitou; mas como entendemos que esse acto se tornava indispensavel, assim o fizemos, do que já apresentamos o respectivo resultado. (Veja-se o nosso communicado do dia 1 do corrente).

A opinião é unanime em declarar que o bilhete, se não é licito affirmar positivamente que elle foi falsificado, é concorde em reconhecer-lhe vestigios de falsificação.

Isso nos basta.

O resto, aquillo que o snr. Bernardino Barroso allega no seu communicado de 8 do corrente, é mesquinho, e mais, é velhaco.

Atribiliariamente diz varias coisas, sem firmeza, sem convicção, porque faz affirmações gratuitas.

Ha, porém, uma revelação no seu arrazoado que convem discutir, visto nella envolver-se um homem honestissimo, o que aliás o snr. Barroso tambem assim reconhece. Diz elle: «O snr. Sousa Carvalho mandou offerecer por seu pae, homem de bom caracter, a quantia de 5$000 reis pelo bilhete, o que o snr. Sousa Carvalho agora não diz.»

Triste raciocinio o do snr. Barroso que não descobre, não vê que o facto de um individuo qualquer lhe ter offerecido 5$000 reis por o bilhete (que pela sua bocca affirmava vir pertencer-lhe legitimamente) não constituia mais que um negocio legal!

Todos nós dariamos ao snr. Barroso 5$000 reis por um premio avaliado em 15$000 reis!

O contratante não lhe disse que lhe comprava o bilhete ainda mesmo quando lhe dissessem que o bilhete era considerado suspeito! Não. Negociava-o julgando-o bom. Isto é logico, isto é natural.

*

Snr. Barroso:

Não sabemos se o snr. tem andado de bôa fé neste intrincado enigma, visto que alguem mais se diz dono do mencionado bilhete: O que se nos revela da sua pessoa é um polemista infeliz, um velhaco vulgar.

Não sabe discutir com serenidade e o seu animo irascivel leva-o a deturpar tudo, a confundir todos.

Não respeita quem tem sido benigno para si, quem, podendo levantar-lhe accusações, sómente tem buscado esclarecer os factos. Seja, pois, prudente.

Não se precipite, se não quer que o amarremos ao pelourinho das expiações.

Ficaremos por aqui se assim o haja entendido.

Pelo grupo promotor da rifa,

Antonio Candido de Sousa Carvalho.

Espectaculos

Theatro Salão Artistico

O Moleiro d'Alcalá—Teve logar na quarta-feira ultima, o beneficio da actriz Carmen Tainha, com esta oppereta.

O theatro estava quasi cheio e a peça não deixou de agradar, como de costume. O amador Simão Costa, que desempenhou o papel de *Lucas*, apresentou-se ao principio com pouca serenidade, que depois foi ganhando. Cantou regularmente, luctando todavia com a falta de gesto. Conseguiu agradar, e o publico applaudiu-o, como aos restantes interpretes.

*

Theatro D. Affonso Henriques

Na quarta-feira, 26 do corrente, realisa o seu beneficio, o snr. Alfredo dos Santos, ponto da Companhia do actor Caetano Pinto.

O espectaculo é offerecido á Associação Commercial de Guimarães, e consta das seguintes comedias:

Dar corda para se enforcar, em 3 actos; *Milagres de Santo Antonio*, em 1 acto; e da poesia *Uma sessão Gualteriana*, que será recitada pelo beneficiado.

No espectaculo tomam parte alguns amadores d'esta cidade, e os preços são menos que os do costume neste theatro.

O snr. Alfredo dos Santos, é digno da protecção do publico, motivo porque lhe agouramos uma casa á *cunha*.

ALVORADA

SEMANARIO

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e colonias:
Anno 750
União postal:
Anno . . . . . 2$000

Cobrança feita pelo correio, mais 50 reis.

Annuncios e communicados, por contracto.

Pagamentos adeantados.

Os assumptos de administração podem ser tratados na **Typ. Minerva Vimaranense.**

Nova Mercearia Traz de S. Paio

DE

Avelino de Faria Guimarães & C.ª

Guimarães

Generos de primeira ordem—Preços sem competencia

Grande sortido em arroz, bacalhau, chá, café moido á vista, etc. Azeite das melhores procedencias.

Vinhos finos de diversos preços, bolacha, manteiga fina a retalho e em latas, conservas, e artigos de papelaria.

Ao Guarda-sol Elegante

Deposito de Guarda-soes e Bengalas

Novidades da estação

Rua da Rainha—Guimarães

Joaquim Lopes de Carvalho

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

E' a nossa casa que mais barato vende; porque vende muito. Além das vantagens que os nossos clientes auferem, outras se lhes offerecem na probabilidade de bons premios.

O agente em Guimarães,

A. J. Gonçalves.

ALVORADA

Semanario Republicano

Ex.mo Snr. .....

.....